

# Carlos Drummond de Andrade – De 7 Dias

Começou festiva a semana:  
espiávamos por uma frincha  
a vitória, e eis que ela fulgura,  
rosa aberta ao pé de Garrincha.

Ai, emoções de Gotemburgo!  
Futebol que nos arrebatas,  
esse rugir de alto-falante  
vale mozartianas sonatas.

E torço firme a vosso lado,  
cidadãos que morais no assunto,  
embora entenda de pelota  
simplesmente o que vos pergunto.

Quem ganhou foi o Botafogo,  
canta o severiano, alma leve.  
Exclama junto um pena-boto:  
– É, e quem perdeu foi Kruchev.

Entre estouros, risos, foguetes,  
assustado, lá foge o pombo  
que bicava milho na praça,  
mas surge Adalgisa Colombo,

escultura, graça alongada,  
e a seus munícipes ensina  
que entre todos os bens da terra  
a beleza é graça divina.

E o talento é a suprema dádiva:  
penso nisso ao ver Pega-Fogo  
no Dulcina e a rara Cacilda  
em seu sutilíssimo jogo

de emoção: a infância pisada,  
um murmúrio de pai a filho,  
diálogo obscuro das almas  
para quem o sol é sem brilho.

E que delícia O protocolo  
velho Machado sempre novo!  
Nosso teatro já floresce,  
não é pinto ao sair do ovo.

Mas nem tudo foram ditosas  
horas no tempo brasileiro:  
O vento no Convair, e a chuva.  
A morte estava num pinheiro.

A morte estava à espera, surda,  
cega a toda humana piedade.  
E esse indecifrável mistério,  
inscrição chinesa no jade,

faz baixar um crepe silente  
sobre os gaios fogos votivos.  
Que João e Pedro, das alturas,  
suavizem a pena dos vivos.

E vem outro, mais outro dia.  
Paira a esperança, junto à fé.  
A bola em flor no campo: joia,  
e seu ourives é Pelé.

**Carlos Drummond de Andrade, Quando é dia de Futebol**